

Idoso, COVID-19 e mídia jornalística

Elderly, COVID-19 and news media

Ancianos, COVID-19 y medios periodísticos

Susanne Pinheiro Costa e Silva

Maria Joycielle de Lima Maciel

Khesia Kelly Cardoso Matos

Sara Soares dos Santos

Daniel Henrique Pereira Espíndula

Genilson Lima e Silva

RESUMO: O presente artigo buscou identificar as representações sobre idosos e COVID-19 em matérias jornalísticas. Com base na Teoria das Representações Sociais, foram analisadas 60 reportagens publicadas entre janeiro e abril de 2020 nos jornais O Globo e Super notícia. O material foi tratado pelo *software* Iramuteq. As representações encontradas alinham-se com a abordagem da COVID-19, como um risco potencial para idosos; necessidade de proteção da saúde para evitar contaminação, possibilitada pelo distanciamento social e questões políticas.

Palavras-chave: Idosos; Covid-19; Representações sociais; Mídia.

ABSTRACT: *This article sought to identify representations about the elderly and COVID-19 in journalistic articles. Based on the Social Representations Theory, 60 reports published between January and April 2020 in the newspapers O Globo and Super Notícias were analyzed. The material was handled by the Iramuteq software. The representations found are in line with the COVID-19 approach as a potential risk for the elderly; need for health protection to avoid contamination, made possible by social distance and political issues.*

Keywords: *Elderly; Covid-19; Social representations; Media.*

RESUMEN: *Este artículo buscó identificar representaciones sobre los ancianos y el COVID-19 en artículos periodísticos. Con base en la Teoría de las Representaciones Sociales, se analizaron 60 reportajes publicados entre enero y abril de 2020 en los diarios O Globo y Super Notícias. El material fue manejado por el software Iramuteq. Las representaciones encontradas están en línea con el enfoque del COVID-19 como riesgo potencial para las personas mayores; necesidad de protección de la salud para evitar la contaminación, posibilitada por la distancia social y las cuestiones políticas.*

Palabras clave: *Anciano; COVID-19; Representaciones sociales; Medios de comunicación.*

Introdução

Em dezembro de 2019, o mundo foi surpreendido com aquilo que parecia ser, inicialmente, um surto de uma doença misteriosa e desconhecida vinda do oriente. A humanidade, globalmente unida, acompanhou o desenrolar dos acontecimentos, primeiramente localizados em Wuhan, China. Com o passar dos dias, a descoberta de novos casos em outras localidades, bem como a gravidade da situação de saúde, dispara o alerta de que uma nova pandemia seria algo iminente.

Tal situação foi confirmada ao final do 1º trimestre de 2020. Após a notificação de mais de 100 mil casos e milhares de óbitos em países de todos os continentes, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a situação como sendo de pandemia em 11 de março do referido ano (Garcia, & Duarte, 2020). Desde o início, houve grande preocupação diante de tal acometimento, que vem acarretando diferentes impactos em várias regiões do mundo (Freitas, Napimoga, & Donalisio, 2020).

A doença foi nomeada pelos órgãos competentes de COVID-19, abreviação de “doença do coronavírus 2019” (World Health Organization, 2020), sendo esta ocasionada por um novo membro do coronavírus humano - SARS-CoV-2, que não havia sido identificado anteriormente nesta espécie (Zhang, *et al.*, 2020). Embora considerado respiratório, o COVID-19 é bastante diferente do causador da influenza demarcados pelo período de incubação, velocidade de transmissão, bem como riscos e mortalidade. Em relação a Covid-19, seu comportamento ainda não foi totalmente esclarecido (Freitas, Napimoga, & Donalisio, 2020).

A grande preocupação está no alto poder de contágio pelo agente, aumentando vertiginosamente o número de infectados ao longo dos dias e se espalhando rapidamente (Macedo, Ornellas, & Bomfim, 2020; Ornell, *et al.*, 2020). Embora com algumas discrepâncias na dimensão da gravidade clínica, a pandemia da COVID-19 pode ser comparada a outras históricas e severas, como a de influenza ocorrida em 1918 (Freitas, Napimoga, & Donalisio, 2020).

A taxa de assintomáticos transmissores do SARS-CoV-2 é bastante alta (86%). Somado a isso, há grande persistência do vírus por até vários dias em mobiliários, resíduos hospitalares e objetos de uso individual e coletivo, o que contribui para a sua disseminação (Corrêa Filho, & Segall-Corrêa, 2020).

Os sintomas que marcam o início da doença são variados, estando mais presentes febre, tosse, fadiga e imagens anormais em Tomografia Computadorizada de Tórax, com opacidade bilateral. Ademais, os exames laboratoriais demonstram maior concentração de proteína C reativa e amilóide sérica A. Menos comumente, identifica-se a presença de sintomas gastrointestinais, como náusea e/ou vômitos (Zhang, *et al.*, 2020).

A gravidade da doença é um preditor para um desfecho que pode ocasionar a morte do paciente. Desse modo, rigorosas e oportunas medidas epidemiológicas são cruciais para conter a rápida disseminação, com esforços contínuos a fim de identificar a terapia mais eficaz para esta infecção respiratória aguda emergente (Guan, *et al.*, 2020).

Para além, as comorbidades mais prevalente em pessoas com diagnóstico de COVID-19 são hipertensão e diabetes. Estas, frequentemente, realizam tratamento medicamentoso, sendo em sua maioria, idosos. Por sua vez, este público juntamente com doentes crônicos são considerados grupos de risco para a infecção pelo SARS-CoV-2, apresentado mais chances de desenvolverem a doença na sua forma grave e fatal (Oliveira, & Moraes, 2020; Zhang, *et al.*, 2020).

Levando-se em conta o envelhecimento populacional ocorrido em todo o mundo, que tem ocasionado aumento do número de pessoas com 60 anos ou mais, somado a maior esperança de vida, há de se esperar que surjam novas demandas e necessidades para o atendimento integral dessa parcela (significativa) da população (Dias-Costa, & Teixeira, 2019). Somado a isso, a pandemia de COVID-19 passa a existir, sendo assustadora para gestores, profissionais de saúde e população em geral. É comum que as famílias de todas as sociedades convivam com parentes da terceira idade, temendo o contágio destes e dos outros membros.

No Brasil, pessoas longevas superaram a marca dos 30,2 milhões, o que representa cerca de 15% da população do país, concebendo um ganho de 4,8 milhões de idosos desde 2012 (IBGE, 2017). Conforme ocorrem alterações no perfil etário da população brasileira, notam-se implicações decorrentes do processo de envelhecimento, que se torna um desafio para o poder público, sociedade, setores da saúde e todos aqueles que possam promover saúde, segurança e melhoria na qualidade de vida (Alves, 2016).

Os idosos carecem de atenção especial pelos serviços de saúde, já que é preciso que todas as etapas da vida sejam vividas com qualidade, evitando que a velhice seja patológica e limitante (Silva, & Menandro, 2014), o que é potencializado quando há risco de vida iminente como no caso da pandemia em questão. Com o surgimento de mais um agravo à saúde, que pode comprometer especialmente a vida de pessoas mais longevas, é imprescindível traçar meios de evitar o contágio em massa, que poderá ocasionar alta morbimortalidade dessa categoria etária.

Uma das formas de se evitar a propagação e expansão da doença está no acesso ao conhecimento sobre a mesma para grande parte da população. Percebe-se um crescente interesse pelos meios jornalísticos na veiculação de conteúdos sobre saúde. Os jornais de maior circulação no país (impresso e digital contam com espaços destinados ao tema. No caso do Globo, por exemplo, há o caderno Sociedade em que são veiculadas notícias sobre saúde, ciência e tecnologia (Langbecker, *et al*, 2019).

É sabido que a mídia tem grande papel sobre aquilo que é reproduzido em seus meios e propagado à população. Em época de distanciamento social, inclusive, sua responsabilidade parece ser ainda maior devido ao grande volume de pessoas que se valem destes meios para passar o tempo, manter-se informadas e evitar adoecimentos de toda ordem.

Moscovici (2012) propôs que os meios de comunicação fossem classificados a partir de três sistemas ou gêneros comunicacionais: Difusão, que tem como objetivo criar um interesse comum por determinados assuntos, adaptando-se ao seu público; Propagação, que organiza e transforma a mensagem para que esta se alastre no grupo social, dando-lhe um significado; e Propaganda, que busca reduzir o leque de significações para suavizar ao mínimo o risco de relativização e de livre interpretação dos receptores.

Estudos têm sugerido que as notícias da mídia contribuem para as agendas públicas, retóricas oficiais, políticas e formação do senso comum sobre os problemas sociais, direcionando a preferência da opinião pública por determinadas soluções.

Isso demonstra que os meios de comunicação, o senso comum e o imaginário social possuem certo imbricamento (Rodrigues, Conceição, & Iunes, 2015), o que nos leva a investigar como a pandemia vem sido discutida e representada.

Levando-se em conta que a mídia intervém nas condutas e comportamentos humanos, entender o seu posicionamento evidenciado no discurso frente ao momento de emergência sanitária vivenciado é de suma importância dado todo o cenário e contexto, influenciando inclusive nas atitudes da população. Destarte, o presente artigo se propõe a identificar as representações sobre idosos e COVID-19, tendo como base as repercussões na mídia jornalística brasileira.

Método

A pesquisa caracteriza-se por ser exploratória, de caráter qualitativo, utilizando como fonte de dados reportagens publicadas em jornais brasileiros. Os referidos jornais foram selecionados levando-se em consideração o seu grau de circulação a nível nacional e o número de tiragem diária, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC) para o ano 2019. Foram escolhidos dois dos jornais com maior circulação no país: *OGlobo* e *Super notícia*.

Desse modo, utilizou-se a busca sistemática ao acervo digital no sítio virtual dos jornais supracitados, por meio dos descritores “Idoso”; “COVID-19” e “Coronavírus”, às notícias referentes ao assunto publicadas entre janeiro e abril de 2020. Foram selecionadas apenas reportagens ou notas em colunas, divulgadas neste período, que tratavam exclusivamente da Covid-19 no público idoso, disponibilizadas online integral e gratuitamente. Excluiu-se todo o material que estivesse fora do período estabelecido para a coleta de dados e/ou que tratasse do tema com outro público ou intuito.

As notícias foram selecionadas de acordo com o título, lidas e sistematizadas p em planilha Excel contendo as seguintes categorias: jornal, data de publicação, título, tipo, link para acesso e temática. A pesquisa resultou em 474 notícias. Destas, foram selecionadas 60 que se adequavam aos critérios pré-selecionados. A maior parte foi publicada no O Globo (55%). No que se refere ao tipo de notícia, observou-se uma maior quantidade de publicações do tipo coluna em relação as do tipo reportagem, nos dois jornais. Estes achados estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1: Frequência das notícias sobre a COVID-19 e idosos, segundo o jornal, no período de janeiro a abril de 2020

Notícias selecionadas por jornal		Tipo e n.º de Notícias	
<i>O Globo</i>	33 (55%)	Coluna	22
		Reportagem	11
<i>Super notícia</i>	27 (45%)	Coluna	14
		Reportagem	13

Fonte: elaborado pelos autores

Ademais, elaborou-se um *corpus* de análise a partir das matérias selecionadas, construído em arquivo único de texto. O banco de dados foi processado pelo programa IRAMUTEQ (Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires), que avalia os conteúdos textuais e organiza-os através dos elementos considerados mais expressivos (Camargo, & Justo, 2013; Sousa, *et al.*, 2020).

O relatório gerado pelo IRaMuTeQ classificou como relevante 77,94% do material. Para garantir a estabilidade dos resultados, é aceitável a classificação de, pelo menos, 70% das unidades de texto (Camargo, & Justo, 2013). O processo de agrupamento das palavras é apresentado por meio do dendrograma, palavras essas analisadas de acordo com os sentidos elaborados sobre o tema através da Análise de Conteúdo, discutidas através de quatro categorias: Risco, Distanciamento Social, Proteção da Saúde e Dimensão Política.

Resultados

Na análise do *corpus*, proveniente das notícias referentes ao coronavírus e idosos, foram verificadas 4121 ocorrências de palavras, sendo 229 formas distintas, com frequência média de três palavras para cada forma. O *corpus* foi dividido em 886 unidades de contexto elementar (UCE) e, destas, 687 (77,94% do total de palavras) foram equiparadas por meio de classificações hierárquicas descendentes dos segmentos de texto de tamanhos distintos, indicando o grau de semelhança dos temas das quatro classes resultantes. Após a identificação das formas reduzidas e a leitura das UCE, procedeu-se à identificação das ideias principais contidas em cada uma das classes.

O *Software* Iramuteq dividiu o material analisado em torno de dois grandes eixos distintos. O primeiro, *Risco*, representado pela classe 3, que contemplou 27,9% do conteúdo total de UCE analisadas.

O segundo eixo, Proteção à saúde, concentrou 72% do conteúdo total, agrupando a classe 1 – Política, com 28,1% das UCEs, classe 2 – Distanciamento Social, com 26,9% das UCEs e classe 4 – Medidas preventivas dos profissionais de saúde. É possível visualizar o dendrograma na Figura 1, que demonstra as classes/categorias advindas das partições do conteúdo. O conteúdo das ideias contidas em cada uma das classes é apresentado a seguir.

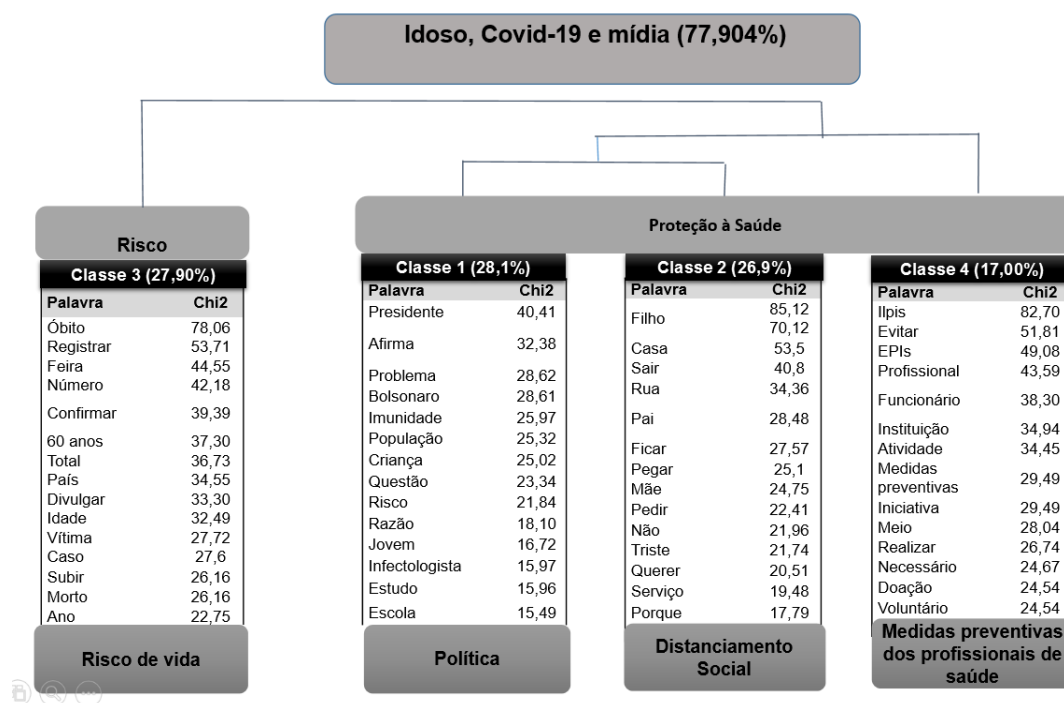


Figura 1. Dendrograma ilustrando os eixos temáticos acerca de Idoso, Covid-19 e mídia

Foi possível verificar que os termos que compõem a **Classe 03 - Risco**, remetem ao fato de, com o avançar da doença e divulgação das estatísticas sobre novos casos e grupos mais afetados, foram destaque para a mídia. Dentre as palavras com maior qui-quadrado, encontram-se: óbito (78,06), Registrar (53,71), Feira (44,55), Número (42,18), Confirmar (39,39), 60 anos (37,30), Total (36,73), País (34,55). O software Iramuteq é capaz de apresentar, ainda, os trechos com maior destaque para cada classe, conforme pode ser verificado nos exemplos a seguir:

“De acordo com os dados da prefeitura, em 33 casos confirmados em Copacabana até quinta-feira, os doentes tinham 60 anos ou mais. Ou seja, do total de casos notificados entre os idosos no bairro, 18,18% terminaram com a morte do paciente.” (O Globo, 10/04/2020)

“A maior parte dos óbitos registrados é entre os idosos. Na capital, 67,8% das mortes foram de pacientes entre a população com 60 anos ou mais. Se o recorte for feito nos casos do Estado, esse percentual está em 69,67%.” (O Globo, 12/04/2020)

Conforme pode ser observado, a classe 3 versa sobre o risco de vida e letalidade apresentada pela doença, em especial junto à população idosa. Segundo os jornais pesquisados, este é o público mais vulnerável a sofrer com os agravos apresentados pela Covid. Tal informação pode gerar, a depender do público consumidor desta, comportamentos diferenciados.

Ao apresentar grupos de risco mais suscetíveis a morrer de Covid-19, representados imagetivamente pelo público mais idoso, pode acarretar que a população mais jovem não adote medidas preventivas sanitárias e de isolamento social, por não se considerar grupo de risco quando, na verdade, temos diante da pandemia comportamentos de risco, de modo análogo ao caso do contágio pelo vírus do HIV.

No segundo grande eixo, tem-se a **Classe 01**, *Política*, com palavras de maior destaque em seus X² Presidente (40,41), Afirma (32,38), Problema (28,62), Bolsonaro (28,61), Imunidade (25,97), População (25,32), Criança (25,02). Esta classe remete à importância da postura governamental diante da crise da saúde ocasionada pela Covid-19. Aqui são discutidas as medidas adotadas no combate à pandemia e como estas afetam diretamente à população em todos os âmbitos, com destaque para crianças e jovens em idade escolar, os quais, em sua maioria, são apresentados como assintomáticos ou desenvolvem casos mais leves da doença, podendo contaminar e causar maiores agravos aos idosos que mantenham contato com os estudantes:

“Os pesquisadores foram ouvidos após o presidente Jair Bolsonaro sugerir em pronunciamento na noite da última terça-feira que apenas idosos sejam objeto da estratégia de distanciamento social, mas que jovens adultos voltem ao trabalho e escolas sejam reabertas.” (O Globo, 24/03/2020)

“Ricciardi também critica a estratégia do isolamento vertical, já defendida pelo presidente Jair Bolsonaro, dizendo que isso “subestima o impacto da epidemia em vidas humanas. A Itália é o país com mais mortes causadas pela Covid-19: mais de 17 mil.” (O Globo, 08/04/2020)

As ações políticas visando à proteção à saúde foram demarcadas majoritariamente no pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, enfocando o distanciamento vertical. Observa-se uma oposição entre as visões defendidas no discurso político, representada pelo Presidente da República, e o discurso médico-científico, este último defendendo o isolamento horizontal. A preocupação em manter o isolamento social junto à população em idade laboral e escolar fica evidenciada como objeto de disputa. O discurso econômico se sobressai frente às políticas preventivas de saúde.

Na **Classe 02**, *Distanciamento social*, as palavras com maiores X^2 foram: Filho (85,12), Casa (70,12), Sair (53,5), Rua (40,8), Pai (34,36), Ficar (28,48), Pegar (27,57). Esta classe retrata o que vem sendo adotado por vários países ao redor do mundo, bem como nas cidades brasileiras, destacando o afastamento entre as pessoas como uma importante medida para limitar o convívio social, no intuito de reduzir a propagação da doença e evitar o colapso do sistema de saúde, conforme pode ser observado nos trechos selecionados:

“Já nos casos em que a pessoa tem uma demência, ela indica que é importante os familiares mais próximos contarem o que estão sentindo, mesmo sem detalhar todo o cenário, porque é provável que o idoso perceba a ansiedade em casa, de toda a forma.” (O Globo, 25/03/2020)

“Tenho algumas colegas que passaram a viver com seus pacientes. Por outro lado, muitas cuidadoras estão agora desempregadas, porque a família [do idoso] achava que elas poderiam trazer o vírus.” (Super notícia, 03/04/2020)

A preocupação com o distanciamento social como medida de proteção à saúde fica evidenciada, com destaque ao público idoso. As reportagens ratificam, ainda, as consequências do distanciamento social na vida dos idosos, com impacto nas questões de saúde mental e solidão, bem como aos parentes e pessoas próximas, como funcionários e cuidadores, por exemplo.

Por fim, na **Classe 04 - Medidas Preventivas dos Profissionais de saúde**, os vocábulos de maiores X^2 s foram: Ilpis (82,7), Evitar (51,81), Equipamentos de proteção individual (49,08), Profissional (43,59), Funcionário (38,3) e Instituição (34,94).

As matérias abordam temas referentes a medidas de prevenção utilizadas pela população e profissionais da saúde, no combate à Covid-19.

“Entre as orientações estão a criação de áreas para isolamento respiratório de residentes sintomáticos, ventilação natural nos ambientes e resíduos do uso de condicionadores de ar ao estritamente necessário e, especialmente, suspender visitas às instituições por tempo indeterminado.” (O Globo, 24/03/2020).

“Pelas recomendações da Sociedade, as ILPIs devem afastar imediatamente funcionários com sintomas respiratórios ou febre e restringir atividades em grupo e circulação nas áreas coletivas, incluindo os voluntários.” (O Globo, 24/03/2020)

As medidas preventivas adotadas pelos profissionais de saúde destacadas pelos jornais pesquisados enfocaram instituições de saúde, como hospitais para atendimento aos casos de Covid, bem como Instituições de Longa Permanência de Idosos (ILPIs). A discussão das medidas de proteção à saúde está concentrada em nível institucional e não mais individual ou em ambiente doméstico.

A partir disso, foi possível identificar que as representações sociais da Covid-19 disseminadas na mídia jornalística estudada trazem à tona o risco potencial causado pela doença, levando muitas das pessoas contaminadas ao óbito, sendo a idade um dos condicionantes para o aumento da gravidade desta, quando instalada. O crescente número de casos confirmados nas cidades e a escalada de casos de óbito justificam a preocupação para aqueles com comorbidades, como pode ser observado nos termos referentes à classe 3.

Notadamente, as representações verificadas também expressam a doença em questão como passível de ser evitada através de medidas de proteção à saúde, conforme expõe a classe 04. A utilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) não somente por profissionais de saúde, mas por toda a população, são manifestadas como de grande importância, bem como a observação das recomendações disseminadas por órgãos competentes e a interrupção de determinadas atividades, que são referidas como meios necessários para que não haja contaminação em massa, sendo uma grande preocupação em alguns lugares como os abrigos para idosos. Vale destacar, ainda, a importância atribuída à internet como um meio para o aprendizado de medidas eficazes de proteção para todos.

Complementarmente, observou-se a utilização dos jornais para transmitir a importância do distanciamento social, que se configura como o bojo das representações expressas na Classe 2. Implicitamente, há uma tentativa de mostrar ao leitor que, mesmo sendo difícil, esta medida é necessária. Segundo a mídia, o isolamento deve ocorrer, inclusive, sem visita de filhos(as) e netos(as), evitando-se sair à rua ou até mesmo ao banco, mesmo que isso cause alguns transtornos como ansiedade, tristeza e espera.

Finalmente, a Classe 01, ao contextualizar a situação política do Brasil frente ao momento vivenciado, busca expressar como ocorre a interação dos diversos setores sociais e políticos, especialmente o Governo Federal, representado pelo Presidente da República, que tem travado uma disputa de poder com os demais domínios, incluindo os órgãos responsáveis por estudos epidemiológicos e sanitários acerca de toda a conjuntura. As notícias ancoram-se em declarações sobre a necessidade de que a população vá à rua para criar imunidade dadas pelo Presidente, informando que esta é uma atitude de risco e desaconselhada pelos especialistas.

Discussão

A Covid-19 tem desafiado profissionais, sistemas de saúde e governos, configurando-se em uma das principais políticas públicas de Estado, com alcance nas áreas da economia, saúde e educação. No que tange às políticas públicas desenvolvidas pelo governo brasileiro no campo da saúde, a fim de proteger a população, foram adotadas medidas de distanciamento social, visando a diminuir o risco de contágio. Tais atos foram destaque em todos os tipos de mídias jornalísticas e sociais e nos jornais aqui pesquisados.

Os resultados do estudo sugerem que, para a mídia, o enfrentamento da pandemia do novo coronavírus destaca a importância de ações voltadas para grupos com maior risco de desenvolver maiores agravos, na tentativa de evitar o adoecimento pelo SARS-COV-2, especialmente para pessoas com mais de 60 anos de idade, conforme destaca a Classe 3. Estas, por apresentarem maiores chances de desenvolver formas graves da doença, mais especificamente aqueles com doenças crônicas, podem ter agravamento do quadro devido à imunossenescência, que os torna mais propensos a doenças infectocontagiosas, além de um pior prognóstico, que inclui atendimentos em emergências e internações (Organização Pan-Americana da Saúde, 2020; Brasil, 2020b; World Health Organization, 2020).

Sobre tais condições, a Organização Mundial da Saúde, juntamente à Associação Internacional de Gerontologia e Geriatria, divulgaram algumas recomendações para proteger a população mais velha e impedir uma maior disseminação da COVID-19. Dentre elas, foram propostas: distanciamento físico; aumento do suporte social, com estreitamento de contato através do uso da tecnologia para comunicação com familiares/amigos; exercícios físicos no interior da moradia; nutrição adequada; banho de sol pela manhã para estimular a produção de vitamina D; auxílio para realização de compras de suprimentos por familiares/cuidadores, se possível de forma on-line (Chhetri, *et al.*, 2020).

Além disso, é necessário manter o uso rotineiro das suas medicações, necessidade de mudanças comportamentais, com prioridade para medidas de higiene, incluindo a lavagem das mãos, uso do álcool em gel, etiqueta respiratória e cuidados ambientais. Não se pode esquecer de informá-los, também, dos possíveis sinais e sintomas e sobre quando procurar os serviços de saúde (Nunes, *et al.*, 2020). Essas medidas auxiliam na diminuição de contágio, incluindo os grupos considerados de risco, que devem seguir fielmente tais sugestões. No entanto, algumas considerações devem ser tomadas na discussão ora em tela.

A solicitação da adoção de medidas sanitárias por parte da população esbarra em outros elementos de vulnerabilidade social, com a ausência de estruturas sanitárias mínimas. A falta de esgotamento sanitário e de água potável para toda a população não foi levada em conta. Segundo estudo realizado pelo Instituto Trata Brasil (2017) com base nos dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento, o Brasil possuía 83,5% da população atendida com água encanada, sendo a região sul a com melhor rede de atendimento. Apesar do país possuir um bom indicador para o atendimento da água potável, verifica-se que a ausência está justamente nas regiões periféricas e mais afastadas dos locais mais abastados.

Há que se considerar, nesta situação, ser idoso e de baixa renda, são dois condicionantes que agravam os riscos de contágio. Além desses fatores, a solidão imposta pelo isolamento social é outro fator que pode agravar ainda mais os riscos no tratamento, uma vez que a depressão geriátrica é um importante problema de saúde que pode determinar o prognóstico de outras doenças (Chhetri, *et al.*, 2020; Bouillon-Minois, Lahaye, & Dutheil, 2020). Tais restrições de atividades ou convívio familiar provavelmente aumentarão distúrbios cognitivos e uso de psicotrópicos, implicando em repercussões em médio prazo (Bouillon-Minois, Lahaye, & Dutheil, 2020). Isso demanda um olhar criterioso sobre a saúde física e psíquica de pessoas idosas em tempos de pandemia, assim como no período posterior.

Neste ínterim, não se pode esquecer a autonomia e a independência do idoso, que são fundamentais para o envelhecimento saudável. Todas essas estratégias não devem caracterizar abandono. Para tanto, as famílias, assim como os profissionais de saúde, devem criar mecanismos de apoio direcionados às atividades básicas e avançadas, atenuando os impactos do estresse ocasionado. Não se pode relevar o papel que o idoso exerce na sociedade, desde aqueles que moram sozinhos, com familiares, que são chefes de família e até mesmo os que residem em Instituições de Longa Permanência para Idosos-ILPI (Oliveira, *et al.*, 2020).

Dentre as pessoas idosas, aquelas residentes em ILPI carecem maior atenção no contexto atual, já que são consideradas de alto risco para a Covid-19 e, geralmente, apresentam idade avançada, co-morbidades, convivem em ambientes com aglomerados, além de apresentarem dificuldades para realização de atividades diárias, o que demanda cuidadores e profissionais de saúde (Brasil, 2020c; SBGG, 2020). Nesse contexto, a Classe 4 – Medidas preventivas dos profissionais de saúde trouxe à tona as medidas a serem adotadas nos diversos contextos que incluam idosos.

Por isso, as ILPI, assim como a população em geral, foram forçadas a adotar novas ações de funcionamento, incluindo restrição da entrada e circulação de pessoas; adoção de protocolos para higienização de superfícies; lavagem constante das mãos; maior atenção às boas práticas na segurança alimentar; vigilância à saúde mental de profissionais e idosos e vigilância de casos suspeitos da COVID-19, entre outros cuidados a serem praticados por profissionais e moradores como medidas de prevenção (Brasil, 2020b; Nunes, *et al.*, 2020). No entanto, as precárias condições de algumas instituições geram situações inadequadas para a oferta de cuidados aos idosos, como a ausência de EPI, dentre eles máscaras e luvas (Brasil, 2020c).

É compreensível que a transmissibilidade seja um fator importante em contextos de surtos, epidemias e pandemias. Particularmente na epidemiologia, a modelagem matemática é usada para prever incidências futuras, monitorar a situação e ajudar a implementar e avaliar estratégias de controle (Nouvellet, *et al.*, 2018). Dessa forma, considerando este momento único em que o coronavírus ocupa um lugar de destaque na história do século XXI devido as altas taxas de transmissibilidade e gravidade da doença, esses dados passaram a ser usados com maior atenção, ganhando destaque nos noticiários de todo o mundo (Bulut, & Kato, 2020). Em vista disso, é de suma importância proteger à saúde, conforme elenca a Classe 4.

Em janeiro de 2020, o Comitê de Emergência da OMS declarou emergência de saúde global, com base nas taxas crescentes de notificação de casos em locais chineses e internacionais (Velavan, & Meyar, 2020). A partir desse momento, à medida em que a doença

se espalhava pelo mundo, as taxas de detecção de casos passaram a mudar diariamente, e a apuração de casos, bem como as previsões do número de mortes para cada país com transmissão ativa passaram a ser acompanhadas e rastreadas em tempo real (Bhatia, *et al.*, 2020). Tal monitoramento é imprescindível para o acompanhamento e formulação de estratégias para conter a disseminação.

O desenvolvimento da epidemia na China seguiu um crescimento exponencial de casos. A partir da análise de parte deles foi possível observar a dinâmica inicial da transmissão, em que o número de casos dobrou de tamanho, aproximadamente, a cada sete dias. Cada indivíduo afetado transmitia a infecção para, em média, outros 2,2 indivíduos. Dos casos avaliados, quase metade ocorreu em adultos com 60 anos de idade ou mais, que passaram a ter acompanhamento médico (Li, *et al.*, 2020).

A questão principal da divulgação dos grupos mais afetados envolve a complexidade e a alta transmissibilidade do vírus em humanos, especialmente idosos e pessoas com doenças subjacentes, tendo em vista a debilidade do seu sistema imunológico, que implica a necessidade de uma maior atenção (Guo, *et al.*, 2020). Isso motiva, também, a tomada de decisão pelo isolamento, como tratado nas notícias que compõe a Classe 2 – Distanciamento social.

É objeto de interesse da mídia informar e formar o leitor a respeito das principais medidas de que devem ser adotadas durante a pandemia, que inclui o distanciamento e isolamento social, grupos e comportamentos de risco, grande número de infectados oligossintomáticos ou assintomáticos, ausência de terapia medicamentosa e vacina comprovada, baixa cobertura de testes e a duração prolongada dos quadros clínicos em todos os países (Nishiura, 2020).

Em condições normais, devido às condições de vulnerabilidade, uma parcela da população idosa fica exposta a diversas situações de adoecimento, sofrimento e riscos. Na atual conjuntura, estas foram exacerbadas e intensificadas de forma substancial pela prática de isolamento social. O distanciamento entre as pessoas funciona como uma medida de proteção para reduzir a velocidade de transmissão da COVID-19, sobretudo entre a população idosa, mais vulnerável e suscetível às complicações graves da doença. Nesse cenário, crescem também outras situações, como a violação de direitos e a violência (Brasil, 2020d).

Nessa perspectiva, as ações adotadas pelo Estado brasileiro ocupam lugar central nas discussões sobre o enfrentamento da pandemia nos resultados encontrados (The Lancet, 2020).

Se, por um lado, existem vários motivos que tornam esta liderança importante, cabe destacar o grande poder de influência em relação a certos comportamentos e seguimentos da população. Mesmo assim, apesar do grande volume de estudos indicando o isolamento como principal medida de controle da COVID-19, o governo brasileiro representado pelo presidente Jair Bolsonaro aparenta não dar a importância devida a este tipo de medida (Rafael, *et al.*, 2020), tomando a decisão em seguir no sentido contrário às discussões pautadas no universo médico-científico, conforme exposto na Classe 1 - Política.

Como respostas a estes desafios, os pronunciamentos oficiais do Presidente da República exteriorizam resistência à prática de isolamento domiciliar e contrapõem argumentos que negam a gravidade da pandemia durante todo o período. Tal demonstração implica insegurança na população e, por conseguinte, falhas no isolamento social, com prejuízos nas barreiras sanitárias (Rafael, *et al.*, 2020).

Em editorial lançado pela revista *The Lancet* (2020) sobre a COVID-19 no Brasil, destacam-se as dificuldades econômicas, sociais e sanitárias da população brasileira no combate à pandemia, o que dificulta que obedeçam às recomendações de distanciamento físico, bem como medidas de higiene. Não obstante a essas dificuldades, o Brasil tem a crise política como principal desafio, sobretudo determinadas posturas do Chefe de Estado como uma ameaça ao combate da doença, ao promover uma série de desordens políticas que geram distrações em meio a uma emergência de saúde pública, incluindo trocas e posteriormente não nomeação de um Ministro para a pasta da Saúde, desocupada durante o período pandêmico.

Conclusão

Neste momento particular para a saúde mundial, nossa principal finalidade com o artigo foi perceber o que a mídia jornalística brasileira tem repercutido sobre o tema Idoso e COVID-19. Os resultados aqui apresentados indicam que o fenômeno global pandêmico tem sido amplamente discutido nos jornais, com diversas reportagens sobre a doença e as pessoas idosas.

Estas têm tratado sobre vários aspectos, incluindo desde os sinais e sintomas, riscos, medidas preventivas, isolamento social e fatores políticos que interferem, inclusive, na utilização de EPI. Os jornais deram amplo espaço para discutir sobre a adoção de medidas por parte das autoridades sanitárias brasileiras, incluindo o distanciamento social.

Ademais, as notícias selecionadas evidenciaram que o governo apresentou posicionamento contraditório em relação às organizações internacionais, com pouco diálogo sobre a pandemia e adoção de comportamentos ambíguos que desprezavam tanto o isolamento quanto o uso de medidas de proteção. Dessa maneira, compreende-se que as orientações dos profissionais dos serviços de saúde configuram-se como estratégia importante para o manejo das famílias e dos idosos, contribuindo para evitar ainda mais a disseminação do vírus. É fundamental que haja conscientização da sociedade sobre os riscos deste fenômeno crescente e suas consequências para a saúde e qualidade de vida da comunidade em geral.

Como limitações do estudo apontam-se o recorte temporal necessário para a coleta dos dados, que assinala para o caráter contínuo da pandemia sem data para sua finalização no Brasil e no mundo. A centralização das reportagens no estado do Rio de Janeiro também pode ser apontada como elemento limitador do estudo. Apesar de outros estados da federação também estarem passando por dificuldades médico sanitárias durante o período de coleta como estados da região norte e nordeste do país, sabe-se que a pesquisa científica versa sobre um recorte da realidade ou de um problema a ser investigado.

Deste modo, apesar da implementação dos planos para conter a pandemia já estarem ocorrendo na prática e possuírem o apoio e respaldo de grande parte da sociedade e dos gestores da saúde, mudanças importantes estão sendo feitas e requerem uma avaliação minuciosa, visando a garantia do direito à saúde e a minimização dos riscos e consequências deste período. Nesse sentido, a mídia pode se mostrar como um importante marcador das transformações na sociedade, ao incentivar hábitos que diminuam a possibilidade de transmissão desta potente infecção, trazendo esperanças de que tudo isso, em breve, passará.

Referências

Alves, K. L. (2016). *Violência e Maus-Tratos Contra a Pessoa Idosa: um estudo de representações sociais*. (87 f.). Dissertação de mestrado. João Pessoa, PB: Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12328>.

Bouillon-Minois, J. B., Lahaye, C., & Dutheil, F. (2020). Coronavirus and quarantine: will we sacrifice our elderly to protect them? *Archives of gerontology and geriatrics*, 90, 104118. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7240263/>.

Brasil. (2020a). Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. *Nota técnica n.º 04/2020 GVIMS/GGTES. Orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo coronavírus (COVID-19)*. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/alertas/item/notatecnica-n-04-2020-gvims-ggtes-anvisa-Atualizada>.

Brasil. (2020b). Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. Nota técnica n.º 05/2020 GVIMS/GGTES. *Orientações para a Prevenção e Controle de Infecções pelo novo coronavírus (SARS-Cov-2) em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)*. Brasília, 24 de março de 2020. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://www20.anvisa.gov.br/segurancadopaciente/index.php/alertas/item/nota-tecnica-n-05-2020-gvims-ggtes-anvisa-orientacoes-para-a-prevencao-e-o-controle-de-infecoes-pelo-novo-coronavirus-sars-cov-2-ilpi>.

Brasil. (2020c). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Departamento de Atenção Hospitalar, Domiciliar e de Urgência. *Protocolo de Tratamento do Novo Coronavírus (2019-nCoV)*. [Internet]. Brasília, DF: Ministério da Saúde; 2020. Recuperado em 10 julho, 2020, de: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2020/fevereiro/05/Protocolo-de-manejo-clinico-para-o-novo-coronavirus-2019-ncov.pdf>.

Brasil. (2020d). Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa. *Violência contra a pessoa idosa: vamos falar sobre isso? Perguntas mais frequentes sobre direitos das pessoas idosas*. Brasília, DF: Ministério da Saúde. Recuperado em 20 junho, 2020, <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/junho/cartilhacombateviolenciapessoaidosa.pdf>.

Instituto Trata Brasil. (2017). *Novo Ranking do Saneamento Básico evidência: melhores cidades em saneamento investem 4 vezes mais que as piores cidades no Brasil*. Recuperado em 10 julho, 2020, de: http://www.tratabrasil.org.br/images/estudos/itb/ranking-2019/PRESS_RELEASE___Ranking_do_Saneamento___NOVO.pdf.

Bulut, C., & Kato, Y. (2020). Epidemiology of COVID-19. *Turk J Med Sci*, 50(SI-1), 563-570. Recuperado em 10 julho, 2020, de: <http://journals.tubitak.gov.tr/medical/issues/sag-20-50-si-1/sag-50-si-1-12-2004-172.pdf>.

Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>.

Chhetri, J. K., Chan, P., Arai, H., Chul Park, S., Sriyani Gunaratne, P., Setiati, S., & Assantachai, P. (2020). Prevention of COVID-19 in Older Adults: A Brief Guidance from the International Association for Gerontology and Geriatrics (IAGG) Asia/Oceania region. *The Journal of Nutrition, Health & Aging*, 24(5), 471–472. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.1007/s12603-020-1359-7>.

Corrêa Filho, H. R., & Segall-Corrêa, A. M. (2020). Lockdown ou vigilância participativa em saúde? Lições da Covid-19. *Saúde em Debate*, 44(124), 5-10. Recuperado em 08 maio, 2020, de: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-1104202012400>.

Dias-Costa, I. G., & Teixeira, K. M. D. (2019). Quem são os idosos no mercado de trabalho brasileiro? Uma análise do Censo de 2010. *Revista Kairós-Gerontologia*, 22(3), 113-130. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-901X.2019v22i3p113-130>.

Freitas, A. R. R., Napimoga, M., & Donalisio, M. R. (2020). Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(2), e2020119. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200008>.

Garcia, L.P., & Duarte, E. (2020). Intervenções não farmacológicas para o enfrentamento à epidemia da COVID-19 no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 29(2), e2020222. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.5123/s1679-49742020000200009>.

Guan, W., Ni, Z., Hu, Y., Liang, W., Ou, C., He, J., ... Zhong, N. (2020). Clinical characteristics of 2019 novel coronavirus infection in China. *N Engl J Medicine*, 34(382), 1708-120. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2002032>.

Guo, Y.R., Cao, Q.D., Hong, Z.S., Tan, Y.Y., Chen, S.D., Jin, H.J., ... Yan, Y. (2020). The origin, transmission and clinical therapies on coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak - an update on the status. *Military Med Res*, 7(11), 1-10. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://doi.org/10.1186/s40779-020-00240-0>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE. (2017). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2017*. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <http://www.asdfree.com/search/label/pesquisa%20nacional%20por%20amostra%20de%20domicilios%20continua%20%28pnadc%29>.

Bhatia, S., Cori, A., Parag. K.V., Mishra, S., Cooper, L.V., Ainslie, K.E.C., ... Nouvellet, P. (2020). Short-term forecasts of COVID-19 deaths in multiple countries. *London, England: Imperial College COVID-19 Response Team*. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://mrc-ide.github.io/covid19-short-term-forecasts/index.html#authors>.

Langbecker, A., Castellanos, M. E. P., Neves, R. F., & Catalan-Matamoros, D. (2019). A cobertura jornalística sobre temas de interesse para a Saúde Coletiva brasileira: uma revisão de literatura. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, e1800095. Recuperado em 10 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/interface.180095>.

Li, Q., Guan, X., Wu, P., Wang, X., Zhou, L., Tong, Y., ... Feng, Z. (2020). Early Transmission Dynamics in Wuhan, China, of Novel Coronavirus-Infected Pneumonia. *N Engl J Med.*, 382(13), 199-1207. Recuperado em 10 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.1056/NEJMoa2001316>.

Macedo, Y.M., Ornellas, J. L., & Bomfim, H. F.(2020). COVID – 19 NO BRASIL: o que se espera para população subalternizada? *Revista Encantar- Educação, Cultura e Sociedade*, 2, 01-10, 2020. Recuperado em 10 julho, 2020, de: <https://doi.org/10.5935/encantar.v2.0001>.

Moscovici, S. (2012). *A psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Nishiura, H., Kobayashi, T., Miyama, T., Suzuki, A., Jung, S. M., Hayashi, K., Kinoshita, R., Yang, Y., Yuan, B., Akhmetzhanov, A. R., & Linton, N. M. (2020). Estimation of the asymptomatic ratio of novel coronavirus infections (COVID-19). *International journal of infectious diseases: IJID: official publication of the International Society for Infectious Diseases*, 94, 154–155. Recuperado em 7 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1016/j.ijid.2020.03.020>.

Nouvellet, P., Cori, A., Garske, T., Blake, I. M., Dorigatti, I., Hinsley, W., Jombart, T., Mills, H. L., Nedjati-Gilani, G., Kerkhove, M. D. V., Fraser, C., Donnelly, C. A., Ferguson, N. M., & Riley, S. (2018). A simple approach to measure transmissibility and forecast incidence. *Epidemics*, 22, 29-35. Recuperado em 7 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1016/j.epidem.2017.02.012>.

Nunes, V. M. A., Machado, F. C. A., Morais, M. M., Costa, L. A., Nascimento, I. C. S., Nobre, T. T. X., & Silva M. E. (2020). *COVID-19 e o cuidado de idosos: recomendações para instituições de longa permanência*. Natal, RN: EDUFRN. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28754>.

Oliveira, E. D. S., & Morais, A. C. L. N. (2020). COVID-19: uma pandemia que alerta à população. *InterAm J Med Health*, 3, e202003008. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.31005/iajmh.v3i0.80>.

Oliveira, M. C. G. M., Salmazo-Silva, H., Gomes, L., Moraes, C. F., & Alves, V. P. (2020). Elderly individuals in multigenerational households: Family composition, satisfaction with life and social involvement. *Estudos de Psicologia*, 37, e180081. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1982-02752020237e180081>.

Organização Panamericana de Saúde (OPAS). (2020). Prevenção e controle de infecção durante os cuidados de saúde quando houver suspeita de infecção pelo novo Coronavírus (nCoV). Diretrizes provisórias, 25 de janeiro 2020. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/51910>.

Ornell, F., Schuch, J. B., Sordi, A. O., & Kessler, F.H.P. (2020). Pandemia fear and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0008>.

Rafael, R. M. R., Neto, M., Carvalho, M. M. B., David, H. M. S. L., & Faria M. G. A. (2020). Epidemiology, public policies and Covid-19 pandemics in Brazil: what can we expect? *Rev Enferm UERJ*, 28, e49570. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <http://dx.doi.org/10.12957/reuerj.2020.49570>.

Rodrigues, D. R. S. R., Conceição, M. I. G., & Iunes, A. L. S. (2015). Representações Sociais do Crack na Mídia. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(1), 115-123. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015010994115123>.

Silva, S. P. C. E., & Menandro, M. C. S. (2014). Social representations of health and care for elderly men and women. *Saúde e Sociedade*, 23(2), 626-640, 2014. Recuperado em 5 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902014000200022>.

Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. (SBGG). (2020). *Recomendações para Prevenção e Controle de Infecções por Coronavírus (SARSCov-2) em Instituições de Longa Permanência para Idosos (ILPI)*. Recuperado em 21 maio, 2020, de: <https://sbgg.org.br/recomendacoes-para-prevencao-e-controle-de-infecoes-por-coronavirus-sars-cov-2-em-instituicoes-de-longa-permanencia-para-idosos-ilpis/>.

Sousa, Y. S. O., Gondim, S. M. G., Carias, I. A., Batista, J. S. E., & Machado, D. C. M. (2020). O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 15(2), e3283. Recuperado em 21 maio, 2020, de: http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/e3283/2355.

The Lancet. (2020). COVID-19 in Brazil: "So what?" [editorial]. *Lancet*, 395, 1461. Recuperado em 04 abril, 2020, de: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)31095-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)31095-3).

Velavan, T. P., & Meyer, C. G. (2020). The COVID-19 epidemic. *Tropical Medicine & International Health*, 25(3), 278-280. Recuperado em 04 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1111/tmi.13383>.

World Health Organization (WHO). Bulletin, [S. l.], n. February, 2020. Disponível em: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200211-sitrep-22-ncov.pdf?sfvrsn=fb6d49b1_2.

Zhang, J. J., Dong, X., Cao, Y., Yuan, Y., Yang, Y., Yan, Y., Akdis, C. A., & Gao, Y. (2020). Clinical characteristics of 140 patients infected with SARS-CoV-2 in Wuhan, China. *Allergy*, 75, 1730-1741. Recuperado em 04 abril, 2020, de: <https://doi.org/10.1111/all.14238>.

Susanne Pinheiro Costa e Silva - Enfermeira. Doutora em Psicologia. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Gerontologia, Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Paraíba, UFPB.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-9864-3279>

E-mail: susanne.pc@gmail.com

Maria Joycielle de Lima Maciel - Graduanda de Enfermagem, Universidade Federal da Paraíba; Pesquisadora do CNPq.

E-mail: joycimmaciell@gmail.com

Khesia Kelly Cardoso Matos – Bacharel em Enfermagem, Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF. Mestre em Psicologia, Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF. Professora do Departamento de Enfermagem, Universidade Estadual da Bahia, UNEB, e na Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC).

E-mail: khesia.matos@gmail.com

Sara Soares dos Santos - Enfermeira, Universidade Federal do Vale São Francisco. Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Fundamental, da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (EERP/USP).

E-mail: sara.soares.sol@gmail.com

Daniel Henrique Pereira Espíndula – Graduado em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco. Mestre e Doutor em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo. Pós-Doutor em Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE. Professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco, UNIVASF. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Univasf.

E-mail: despindula@hotmail.com

Genilson Lima e Silva – Graduação em Administração e Especialização em Gestão Pública, Universidade Federal do Vale do São Francisco. Atualmente é administrador da Universidade Federal da Paraíba. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração Pública.

E-mail: gnilsonls@gmail.com